

Inovações Tecnológicas e seus Efeitos no Campo do Jornalismo¹

Cristiano Alves Viana²
Cynthia Mara Miranda³
Universidade Federal do Tocantins, Palmas, TO

RESUMO

O campo do jornalismo passa por constantes transformações desde que foi concebido como tal e incorporado ao conjunto de instâncias sociais, inicialmente apenas como imprensa escrita e posteriormente como outras mídias e formatos decorrentes da evolução tecnológica. Contudo, a tecnologia é apenas um dos motivos que impulsionaram essas mudanças, havendo que se considerar, antes de tudo, o fato de ser uma atividade estreitamente ligada às questões de cunho simbólico, culturais e ideológicas. O jornalismo adquiriu novas características ao longo do tempo para manter seu prestígio e posição social dentro do que a sociologia costuma chamar de disputas simbólicas e, para isso, foram adicionados elementos como a objetividade e a imparcialidade. Para o campo do jornalismo tratam-se de valores fundamentais que norteiam o exercício da atividade, mas a sociologia considera essas características como sendo ideais ou mitos incorporados ao campo para acompanhar as transformações e resguardar o seu espaço na trama simbólica e social.

Ao contrário do que uma primeira e desatenta observação possa sugerir, a evolução tecnológica não é a responsável por todas as modificações no jornalismo, mas certamente é propulsora de mudanças estruturais que talvez estejam reconfigurando a própria ideia do que é jornalismo.

Não se sabe ao certo quando a atividade jornalística surgiu na história da humanidade, mas pode-se afirmar que desde os tempos mais remotos os seres humanos já demonstravam a necessidade de registrar os acontecimentos e transmiti-los aos outros por meio de escritas rudimentares, desenhos e outros artifícios. A partir da elaboração

¹Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 2 a 4 de junho de 2022.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da UFT, email: cristianoviana.br@gmail.com.

³Doutora em Ciências Sociais pela Unb, docente do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da UFT, email: cynthiamara@uft.edu.br

de códigos linguísticos mais aprimorados, com invenção da escrita e, mais adiante, do sistema de impressão por tipos móveis (máquina tipográfica), o jornalismo começou a se desenvolver e aos poucos ocupar um lugar de destaque nas sociedades. A criação da máquina de impressão foi uma invenção tão importante e revolucionária para a época que influenciou até mesmo o nome da atividade jornalística, que passou a ser chamada de “imprensa”. Depois vieram outras inovações tecnológicas tão relevantes quanto as máquinas de impressão, como o rádio, a televisão, os computadores e a rede mundial de computadores (Internet), tendo essa última conectado todas essas mídias em uma só.

Mick e Kikuti (2021) descrevem como as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) estão impactando a atividade jornalística e como os profissionais que atuam no campo estão sendo levados (ou obrigados) a se reinventar para acompanhar essas mudanças. As funções e atividades que antes eram realizadas separadamente e por especialistas – repórter, diagramador e repórter fotográfico, por exemplo – passaram a fazer parte de um processo de reversão da divisão do trabalho dentro do que se convencionou chamar de convergência digital, isto é, a interação de diversas mídias em um mesmo ambiente eletrônico. Como reflexo dessas mudanças, foram geradas práticas e expectativas de multifuncionalidade e, conseqüentemente, as empresas e grupos empresariais passaram a convidar os jornalistas a produzir para diferentes mídias, forçando-os a acumular funções que antes eram feitas por outras pessoas, muitas vezes sem melhorias nas condições salariais.

Os autores Mick e Kikut (2021) afirmam também que todas essas mudanças nas condições de trabalho transformaram a temporalidade no campo do jornalismo e a própria noção de tempo dos jornalistas como comunidade (tempo social), provocando um fenômeno empiricamente conceituado pela sociologia como “aceleração do tempo”.

Como mencionado anteriormente, por um lado, as TICs favorecem e facilitam o exercício da atividade jornalística, mas também podem promover a exigência de multifuncionalidade e, como consequência, provocam a precarização do trabalho. Somando-se a isso, no contexto do Brasil, a não obrigatoriedade do diploma universitário para o exercício da profissão (decidida no ano de 2009 pelo Supremo Tribunal Federal), a crise econômica e sociopolítica intensificada a partir de 2013, seguida por mudanças na legislação trabalhista, causaram efeitos devastadores como demissões, terceirização por meio dos contratos de pessoa jurídica ao invés do sistema

CLT, alongamento das jornadas de trabalho, a falta de controle da categoria sobre o piso salarial e a perda de outros direitos trabalhistas.

Outro aspecto que merece ser destacado é o processo que talvez esteja provocando a transformação da própria definição do que é jornalismo e que pode modificar também as características associadas ao jornalista, isto é, a sua identidade como sujeito e grupo social. As novas demandas provocadas pelas inovações tecnológicas, a diminuição dos postos formais de trabalho nas empresas jornalísticas e a flexibilização dos direitos trabalhistas promovem o que Mick e Kikut (2021) chamam de “miscigenação” do jornalista, que tende migrar para atividades afins em busca de melhores oportunidades e condições de trabalho, como em assessoria de comunicação, publicidade e propaganda, *marketing* e relações públicas.

As mídias digitais, especialmente as redes sociais, *blogs* e sites, abrem novos caminhos para os jornalistas por meio da produção de conteúdos diversos para empresas, governos, políticos, artistas e para uma miríade de instituições. Esses “novos” canais de comunicação favorecem a produção de diferentes formatos, a conexão com veículos de comunicação tradicionais e a distribuição de diversos tipos de informações produzidas por jornalistas. Tão diversos quanto os conteúdos são os nomes dados às funções ocupadas por esses jornalistas: produtor de conteúdo, *social media*, estrategista de *marketing* digital, gestor de redes sociais e tantos outros.

Para além da “miscigenação” das atividades, essa intensa e diversificada produção de conteúdos de interesse particular (de indivíduos, empresas, organizações comerciais, políticas ou religiosas) coloca em xeque outro ideal (ou mito) do campo do jornalismo: o interesse público. Esse é um elemento basilar, um valor-notícia que norteia a produção jornalística. Em outras palavras, segundo esse critério um assunto só se torna notícia se houver interesse público. Se nas novas e diversificadas formas de atuação jornalística a ideia de interesse público confunde-se com os interesses particulares, talvez o campo esteja diante de um processo de reconfiguração da própria ideia de jornalismo e, conseqüentemente, alterando a identidade do jornalista.

Outra possibilidade é que estejamos diante da configuração de novos subcampos ou subespaços especializados que estão modificando a lógica de produção e consumo de informações e notícias dentro do campo do jornalismo, como sugere Marchetti (2002)

quando compara os valores de jornalistas generalistas e de jornalistas especializados na cobertura de assuntos políticos, econômicos e esportivos ou *medical*.

Nesse sentido, o presente trabalho busca efetuar reflexões preliminares de algumas transformações ocorridas no jornalismo ao longo do tempo, como as disputas simbólicas fizeram surgir as noções de objetividade e imparcialidade dentro do campo e como as mudanças estruturais impulsionadas pela evolução tecnológica trouxeram benefícios e também malefícios para atuação no campo do jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: mudança estrutural; evolução tecnológica; jornalismo.

REFERÊNCIAS

MARCHETTI, D., & SERRA, P. Os subcampos especializados do jornalismo. *In: Plural*, 27(2), 240-269. São Paulo, USP, 2021.

MICK, J., & KIKUTI, A. O mundo do trabalho de jornalistas no Brasil: uma agenda de pesquisa. *In: Plural*, 27(2), 210-239. São Paulo, USP, 2021.

SCHLESINGER, P. Repensando a sociologia do jornalismo, as estratégias das fontes e os limites do centralismo na mídia. *In: Estudo sobre as Culturas Contemporâneas*. Universidade de Colima, 1992.

SCHUDSON, M. A objetividade torna-se ideologia. O jornalismo depois da I Guerra. *In: Descobrimo a notícia. Uma história social dos jornais nos Estados Unidos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

TUCHMAN, G. A objetividade como ritual estratégico: uma análise da noção de objetividade dos jornalistas. *In: TRAQUINA, N (Org.). Jornalismo questões, teorias e “estrórias*. Lisboa: VEGA, 1999.